



CADERNO 2
JBF
BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL,
QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1987

Fundação
Substituindo a
Reynaldo Jardim,
o maestro Marlos
Nobre tomou posse,
ontem, no cargo
de diretor da
Fundação Cultural.
Na página 2.



*Na foto maior, cena de Evocações.
Nélson Ferreira, aos 14 anos, tocando
piano numa pensão. Na foto acima,
Churrascaria Brasil, de Fred Confalonieri.
Os dois filmes abrem hoje o festival*



XX FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

As 18 horas, coquetel no Hotel Nacional marca a abertura do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Uma festa como nos velhos tempos, com stars à beira da piscina e as velhas discussões sobre cultura e cinema. Wladimir Carvalho diz que o Festival será um "pique-nique cinematográfico".

Ary Pararaios

O XX Festival de Brasília do Cinema Brasileiro parece resgatar naturalmente os clímax que caracterizavam suas edições polêmicas nas décadas de 60 e 70. Hoje, quando os salões do Hotel Nacional se abrem para o coquetel inaugural, o povo estará à volta tietando novas figuras à beira da piscina, onde ele já se misturou com Leila Diniz, Helena Inês, Gláuber Rocha, Roberto Pires, Leon Hirzman e Darlene Glória. E o sufoco geral vai dar lugar a um golpe de ar democratizando o espaço das estrelas. O Olimpo sem o qual os pobres mortais não vivem vai ser por eles invadido. Os súndos diretores e produtores, eternamente avessos à festa, vão ter que se sujeitar à alegria das superfícies e dar um tapa na seriedade cinematográfica nacional.

Mas como ninguém é de ferro, o Festival vai cuidar, mesmo, é de dar forma dinâmica para um cinema que, imagem do país que representa, caminha entre trancos e barrancos, determinando suas metas sempre para o dia anterior, ganhando em um dia para pagar o que já comeu no anterior.

"A organização foi prejudicada por problemas administrativos e financeiros que vêm de uma instabilidade geral, mas será realizado com as possibilidades até inventadas por uma equipe abnegada que transcendeu as limitações físicas e se submeteu a esforços pessoais muito grandes".

Quem está falando é Marco Antonio Guimarães, figura imprescindível para a realização e coordenador deste Festival de Brasília. Como assessor da Fundação Cultural, esteve à frente de pelo menos cinco de suas edições anteriores, na década de 70. Ele lamenta o cancelamento dos Encontros de Pesquisadores e de Documentaristas por falta de condições técnicas. Mas ressalta a abertura pública ao evento com a

volta ao Hotel Nacional. E é ele quem lembra histórias antigas, como as de Gláuber Rocha, em 79, xingando de fora do hotel um Jean Rouch assustado à janela. O antropólogo francês, um dos precursores do cinema verdadeiro e diretor do Museu do Homem, de Paris, era vítima da ira descolonizadora do cineasta.

Satélites

José Da Mata, que com Marco Antonio divide a coordenação do Festival, lamenta, entre outras coisas, a forçada retirada das cidades-satélites das programações. Explica que as salas existentes não têm condição adequada. Programador das grandes mostras que aparecem na cidade, Da Mata é um incansável batalhador do cinema cultural. E tem opiniões muito bem formadas a respeito. Uma pergunta simples pode desencadear uma avalanche de informações. Como a que lhe fiz: o que falta no cinema brasileiro?

— Falta Gláuber Rocha, falta os diretores. Hoje não temos mais diretores de cinema em atividade. O último filme de Fernando Cony Campos, por exemplo, é de quatro anos atrás, *O Mágico e o Delegado*. E outros grandes diretores estão sem fazer filmes há muito tempo. Joaquim Pedro de Andrade fez *O Homem do Pau Brasil* em 81, e parou; Geraldo Sarno parou desde *Coronel Delmiro Gouveia*, da década de 70. O que temos, hoje, são bons montadores, profissionais que realizam um bom projeto, com bom anteprojeto técnico, que contratam um bom músico, um bom fotógrafo e realizam um trabalho de nível técnico satisfatório, mas que não têm necessariamente os componentes de uma boa direção, que integra criação e técnica, que emociona... Se o Festival será bom? Difícil dizer. Será uma mostra do cinema nacional dos últimos dois anos. O cinema nacional está bom, é bom?"

Como nos velhos tempos, o Hotel Nacional será o ponto de

convergência e de irradiação do evento. De lá sairão os debates, seminários, lá estarão as exposições, oficinas e trabalhos paralelos. E para lá vão cineastas e espectadores na hora de descanso ou de procurar o que fazer. Mas, se junto à mostra de 16mm, os debates e as atividades gerais voltam ao seu "espaço natural", o Hotel Nacional, chegam também lá as novidades como a grande oficina e exposição de Mauricio de Souza e a Turma da Mônica.

Louise Cardoso, Tales Pan Chacon e Carla Camurati são algumas das novas estrelas que prometem movimento na cidade. Elas se misturam a novos e até desconhecidos nomes como Fred Confalonieri, diretor do primeiro curta-metragem a ser exibido, *Churrascaria Brasil*. Arquiteto, fotógrafo e diretor do cinema e TV, Confalonieri só tem reconhecimento quando citado com algumas de suas obras populares, como a direção das novelas *O Outro*, *Titi*, *Livre Para Voar*, *Champanhe* e *Louco Amor*. Raros sabem que muitas fichas técnicas famosas trazem seu nome entre os créditos, como a assistência de direção de Werner Herzog, em *Fitzcarraldo*, e Walter Lima Junior em *Chico Rei*.

Outro curta a ser exibido hoje é *Evocações*, de Flávio Rodrigues, um documentário sobre a vida e obra do maestro e compositor pernambucano Nelson Ferreira, nascido em 1904 e falecido em 1978, com vasta e quase inédita obra.

Anjos da Noite, o primeiro longa-metragem de hoje, no Cine Karim, é, segundo Wilson Barros, o diretor, uma fantasia urbana. "Um vasto painel fragmentado que tem como tema a noite de São Paulo com alguns de seus personagens marginais ao grande complô silencioso do cotidiano, suas pequenas comédias, tragédias e melodramas; suas encruzilhadas entregues ao acaso, à ansiedade, à solidão e ao desencanto".